

HILÁRIO FRANCO JÚNIOR

Dando tratos à bola

Ensaios sobre futebol



Copyright © 2017 by Hilário Franco Júnior

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa e ilustração de capa

Rodrigo Maroja

Preparação

Osvaldo Tagliavini Filho

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Ana Maria Barbosa

Fernando Nuno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Franco Júnior, Hilário

Dando tratos à bola : ensaios sobre futebol / Hilário Franco Júnior — 1^a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2958-4

1. Copa do Mundo (Futebol) 2. Ensaios brasileiros 3. Futebol
– História 1. Título.

17-05715

CDD-796.334

Índice para catálogo sistemático:

1. Futebol : Ensaios 796.334

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Prefácio	9
----------------	---

PARTE I: COPA DO MUNDO

1. A Copa (síntese) do Mundo	15
2. A unidade uruguaia e a discórdia brasileira: a Copa de 1930	20
3. Nacionalismo, pressão, violência: a Copa de 1934	23
4. “Vencer ou morrer”: a Copa de 1938	26
5. As Copas que não aconteceram: 1942 e 1946	29
6. As Copas que não deveriam ter acontecido aqui: 1950 e 2014	32
7. O renascimento de uma nação: a Copa de 1954	35
8. O triunfo da mestiçagem com organização: a Copa de 1958	38
9. Força brasileira no campo e nos bastidores: a Copa de 1962	41
10. Na terra da rainha, o rei português supera o rei brasileiro: a Copa de 1966	44
11. Festa mexicana e alegria brasileira: a Copa de 1970	47
12. Futebol eficaz versus futebol total: a Copa de 1974	50
13. Ditaduras imorais e campeão moral: a Copa de 1978	53
14. Futebol bonito versus futebol efetivo: a Copa de 1982	56
15. Terremoto no México e no futebol brasileiro: a Copa de 1986	59

16. Entre camarões e chucrute: a Copa de 1990	62
17. A potência do futebol no país potência: a Copa de 1994	65
18. Da convulsão de Ronaldo à convulsão da França: a Copa de 1998	68
19. Mundo previsível, torneio imprevisível: a Copa de 2002	71
20. Organização germânica e bagunça brasileira: a Copa de 2006	74
21. Alegria de pobres, greve de ricos: a Copa de 2010	77
 PARTE II: EM TORNO DA COPA DE 2014	
22. O futuro de uma ilusão	83
23. Futebol e cidadania	86
24. O grande roubo anunciado	92
25. Pão e Itaquerão	96
26. Maracanazo social	104
27. A Copa das Copas	107
28. O técnico motivador	111
29. “Brasileiro, com muito orgulho, com muito amor”	119
30. Brasil, país do futebol?	124
 PARTE III: IDENTIDADE, MEMÓRIA, SOCIEDADE	
31. Comunitarismo e nacionalismo	141
32. Alienação ou participação?	157
33. Guerra e futebol	166
34. Uma lição do futebol	174
35. Aposentadoria e futebol à francesa	178
36. As cores da vida	181
37. A emigração futebolística brasileira entre a globalização e a violência social	188
38. O cinquentenário de um esquecimento	195
39. Um país no espelho	200
 PARTE IV: PERSONAGENS DO JOGO	
40. Rivalidades clânicas	205
41. Clubes de colônia: decadência ou integração?	214
42. Corinthians, retrato do Brasil	226
43. Inimigos cordiais	240

44. O treinador psicólogo	260
45. O treinador revolucionário	267
46. O ex-futuro Ferguson brasileiro	276
47. Ronaldo, divina comédia ou tragédia?	281
48. A cabeça da Medusa	284
 PARTE V: O JOGO	
49. Jogar é simular, enganar, ludibriar, iludir	293
50. Na fronteira do esporte e do jogo	299
51. O imponderável no futebol	307
52. Futebol, religião laica	318
53. A dança do futebol	329
54. A geometria variável das táticas	334
55. O tabuleiro do futebol	340
56. O futebol arte	351
57. Meu vício é você	360
 PARTE VI: OBSERVANDO O OBSERVADOR	
58. Futebol, campo de anacronismos	371
59. Mais veneno que remédio: o futebol e o Brasil	393
60. Por uma ciência social do futebol	415
 <i>Índice remissivo</i>	433

Prefácio

Quem só percebe de futebol não percebe nada de futebol.

José Mourinho

É provável que poucos estudiosos discordem que não há filosofia, literatura, artes plásticas, artes cênicas e cinematográficas ou música descoladas de seu momento histórico. Mas se todas as manifestações culturais, em maior ou menor medida, expressam os movimentos da história, estes são, por sua vez, frequentemente influenciados por elas. Os vasos comunicantes são muitos e incontestáveis, e inúmeros os trabalhos a respeito. Entretanto, talvez por serem implicitamente considerados expressões menores, os jogos são pouco examinados nas suas conexões histórico-culturais. E merecem sorte diferente. O futebol, para nos restringirmos ao objeto que aqui nos interessa, evidentemente não surgiu, se desenvolveu e se propagou de forma autônoma, a-histórica. Para entendê-lo em profundidade, é imprescindível levar em conta as articulações entre ele e a sociedade global na qual se insere — sem, é claro, ver nelas relações causais, mecânicas.

É inegável que se os vários jogos com bola existentes há séculos puderam se transformar no futebol moderno foi porque este respondia a novas situa-

ções históricas, que por sua vez não ficaram isentas do poder cultural e social de atração e mobilização que ele passou a exercer. Por que, então, o futebol é quase sempre descontextualizado? De um lado, devido ao caráter emocional que o cerca, impedindo que torcedores, dirigentes e até mesmo jornalistas o abordem de maneira analítica. E de outro porque, ao contrário dos grandes atores ou cantores, que percebem o conteúdo profundo da mensagem que interpretam, o futebolista profissional, como notam os sociólogos Jean-Michel Faure e Charles Suaud, carrega “uma contradição fundamental devido ao fato de que seu valor socialmente reconhecido vem de uma incorporação de significações que frequentemente o ultrapassam”.

Quando da preparação de nosso *A dança dos deuses: Futebol, sociedade, cultura* (Companhia das Letras, 2007), fomos obrigados, diante da extensão que o livro assumiu, a deixar de lado tópicos que gostaríamos de ter incluído ou desenvolvido. Outros surgiram posteriormente, fornecidos pela continuação da reflexão e por novos eventos no mundo do futebol. São estes os componentes do presente livro. Como se perceberá facilmente, apesar de evidentes pontos em comum, os dois trabalhos têm concepções bem diferentes. O anterior tentou construir uma teoria do futebol, uma larga visão histórica e analítica que pedia estreita articulação entre todos os capítulos. O atual é propositalmente fragmentário, mesclando alguns textos de caráter acadêmico com outros de perfil jornalístico. Cerca de metade desses ensaios, de um tipo e de outro, já foi publicada na imprensa, em obras coletivas, revistas ou sites especializados, mas é aqui apresentada na sua versão completa, o que a limitação de espaço muitas vezes não permitiu nos veículos originais. A outra metade, constituída também por textos de ambos os tipos, é inédita.

O presente conjunto de ensaios poderia ser estruturado de diversas outras maneiras. Ele não apresenta um caminho único, linear, permitindo assim que os textos sejam lidos, entrecruzados e conectados de acordo com os interesses de cada leitor. Para garantir a autonomia de cada peça, não eliminamos eventuais pequenas repetições. Em certos ensaios, quando cabia, incluímos ao final uma relação das obras citadas (não das consultadas, o que alargaria muito a listagem). Somente dois deles comportam notas de rodapé, como nas suas aparições originais. De forma geral, não indicamos a fonte das informações sobre fatos e personagens esportivos porque eles foram noticiados por toda a imprensa, nacional ou internacional. Quando, porém, se trata de depoimento

e levantamento de dados ou opinião em um órgão específico de comunicação social, este é nomeado.

Enfim, com fórmula diferente de *A dança dos deuses*, esperamos que o presente livro possa interessar àqueles que desejam refletir sobre o fenômeno cultural mais importante do mundo atual e não redutível à emoção e ao divertimento, como quase sempre se faz. Nada há de mau, é claro, no futebol das escalações de times, das biografias de jogadores, dos eventos folclóricos: é ele que mobiliza a imensa maioria dos fãs. Todavia, é legítimo e desejável pensar no futebol também de forma não episódica, usando a “pequena história” factual e imediata para tentar alcançar as estruturas do fenômeno. Se nada existe em si mesmo como objeto de estudo, mas tudo pode — deve — ser transformado em objeto de estudo, por que não o futebol?

Parafraseando o grande jogador e técnico holandês Johan Cruijff, falecido no ano passado, para quem “jogar futebol é simples, mas jogar futebol simples é a coisa mais difícil que há”, pode-se talvez afirmar que falar e/ou escrever sobre futebol é simples, mas fazê-lo de forma simples (quer dizer, ao mesmo tempo rigorosa e compreensível) é difícil. Este foi nosso desafio aqui. Esperamos tê-lo conseguido, ao menos em parte.¹

OBRA CITADA

FAURE, Jean-Michel; SUAUD, Charles. “Les Enjeux du football”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, v. 103, pp. 7-26, 1994.

1. Agradecemos a William Contini, monitor-bolsista do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas da Universidade de São Paulo (Ludens-USP), por ter localizado algumas informações sobre o futebol brasileiro que não encontramos no exterior, onde boa parte dos textos deste livro foi redigida.

PARTE I
COPA DO MUNDO

1. A Copa (síntese) do Mundo^{*}

Se a adesão que o Barcelona recebe na Catalunha é enorme, isso se deve ao fato de ser “mais que um clube”, segundo a fórmula criada em 1968, em pleno regime franquista. Se o futebol desperta imenso interesse em quase todo mundo, é por ser mais que um jogo. Se a Copa do Mundo provoca de quatro em quatro anos entusiasmo mesmo em quem não acompanha cotidianamente o futebol, é porque ela não é apenas uma disputa esportiva. Sua história é, em certo sentido, a história do mundo contemporâneo.

De fato, a competição corporifica, por exemplo, o orgulho nacional. A primeira edição foi organizada em 1930 pelo Uruguai para festejar o centenário de sua independência. No dia da partida decisiva de 1934, o importante jornal italiano *Corriere della Sera* escreveu que “hoje seremos invadidos pela divina paixão que inevitavelmente está em tudo que é nosso, em tudo que tem a marca da nossa raça”. Em 1954, a Alemanha, então debilitada material e moralmente pela Segunda Guerra Mundial, recuperou o amor-próprio e o respei-

* Originalmente publicado em português com o título “Futebol e orgulho nacional” (*Le Monde Diplomatique Brasil*, v. 3, n. 35, p. 8, 2010) e em francês como “Football et fierté nationale” (*Autres Brésils*, 6 mar. 2011, disponível em <www.autresbresils.net>). A versão que se vai ler aqui foi atualizada.

to internacional graças à inesperada conquista da Copa. Em 1986, Maradona reconheceu que a partida contra os ingleses era bem mais que futebol: era revanche pela derrota na Guerra das Malvinas, alguns anos antes. A Copa de 2006 permitiu à Alemanha manifestações patrióticas até então evitadas devido ao sentimento de culpa pelo passado nazista.

Por lidar com o orgulho nacional, as Copas do Mundo permitem a emergência de diversas rivalidades. Em 1930, o consulado uruguai em Buenos Aires foi atacado por uma multidão inconformada com a derrota para o país vizinho. Em 1938, a partida entre Áustria e Hungria foi uma verdadeira batalha, refletindo as tensões não resolvidas das longas décadas em que as duas nações tinham vivido politicamente unidas e culturalmente afastadas. Em 1950, a Argentina se recusou a participar da Copa porque esta ocorreria no Brasil. Em 1974, a seleção alemã foi vaiada em Hamburgo porque nela havia muitos jogadores do Bayern de Munique; quatro dias depois, porém, o público da mesma cidade apoiou com fervor a seleção diante dos irmãos inimigos da Alemanha comunista.

Não surpreende, então, que governos de todas as colorações políticas tenham sempre depositado muitas expectativas nas Copas. O famoso telegrama que o governo fascista enviou aos jogadores italianos antes da final de 1938 nada tinha de ambíguo: “Vencer ou morrer”. João Goulart explicou à delegação que se dirigia ao Chile, em 1962, que a Copa do Mundo “faz os brasileiros esquecerem nossas dificuldades econômicas, e assim é mais preciosa que o arroz”. A ditadura militar acompanhou de perto a preparação para a Copa de 1970, esperando dividendos políticos do tricampeonato. O mesmo interesse foi dedicado pelos militares argentinos à organização da Copa de 1978. Em reação a isso, em fins de 1977 foi lançado pelo jornal francês *Le Monde* um movimento de boicote à Copa na Argentina para pressionar sua ditadura militar. O uso político de Copas do Mundo não é, contudo, exclusividade de países sem tradição democrática. Na França de 1998, tanto o presidente direitista quanto o primeiro-ministro socialista esperavam que a Copa amenizasse as tensões sociais.

Um importante e vasto fenômeno socioeconômico, a crescente circulação mundial de trabalhadores, também está sintetizado nas Copas. E algumas vezes por razões políticas: em 1938, a Áustria, que acabava de ser anexada pela Alemanha nazista, foi obrigada a ceder vários jogadores à seleção alemã; o

húngaro Puskás, que tinha jogado a Copa de 1954 por sua seleção nacional, depois de exilado participou da de 1962 pela Espanha. Mas foi geralmente por razões econômicas que vários atletas defenderam mais de uma seleção. O argentino Luis Monti participou com seu país da Copa de 1930 e da de 1934 com a Itália de seus antepassados. A partir de 1962, a Fifa impediu atletas de representarem mais de uma seleção, porém não de jogarem por outro país que o de nascimento (em 2006, havia cinco brasileiros em outras equipes nacionais; em 2010, eles foram seis; em 2014, cinco). Para os treinadores, a migração é livre, desde o inglês George Kimpton, que dirigiu a França em 1934, até os casos expressivos do sérvio Bora Milutinović, que em Copas do Mundo treinou México (1986), Costa Rica (1990), Estados Unidos (1994), Nigéria (1998) e China (2002), ou do brasileiro Carlos Alberto Parreira, que esteve à frente de Kuwait (1982), Emirados Árabes (1990), Brasil (1994 e 2006), Arábia Saudita (1998) e África do Sul (2010).

As Copas do Mundo são ainda um rico observatório de procedimentos culturais. Em 1938, o goleiro das Índias Orientais Holandesas (futura Indonésia) pretendeu proteger sua meta do ataque húngaro amarrando na rede uma boneca amuleto, procedimento mágico que não teve sucesso: os europeus venceram por 6 a 0. Parte da bagagem que a Escócia levou para a Copa da Argentina foram 456 garrafas de uísque. Na Espanha, em 1982, a seleção do Kuwait queria que sua mascote, um dromedário, desse uma volta em torno do campo antes da partida de estreia. Na mesma Copa, a partida entre Peru e Camarões foi mais uma disputa de feiticeiros do que de jogadores, para os quais o empate sem gols deveu-se à anulação recíproca dos procedimentos mágicos lançados pelos respectivos bruxos. Devido ao gol contra que eliminou a seleção colombiana da Copa dos Estados Unidos, o zagueiro Escobar foi assassinado alguns dias depois de ter retornado ao seu país.

As Copas do Mundo exprimem ainda interesses geopolíticos, daí o número de países participantes ter oscilado de treze em 1930 — logo após o início da Grande Depressão — para dezesseis em 1934, quinze no pré-guerra (1938) e novamente treze no pós-guerra (1950). Entre 1954 e 1978, a fixidez do mapa da Guerra Fria estabilizou o número em dezesseis. À posterior expansão da Comunidade Europeia e ao fim da Cortina de Ferro correspondeu o alargamento do mundo futebolístico, com 24 países presentes entre 1982 e 1994 e 32 a partir de 1998. Sem surpresa, a atual globalização leva a Fifa a projetar a

Copa a partir de 2026 com quarenta ou 48 equipes. Por muito tempo, a Copa, assim como o mundo, foi exclusividade europeia e americana. Se no contexto colonialista de 1934 havia um país africano (Egito), no contexto da descolonização o continente ficou de fora das seis Copas seguintes. No entanto, graças aos crescentes interesses econômicos europeus, a África passou a contar com duas seleções a partir de 1982, com três em 1994 e com cinco desde 1998. A Ásia compareceu em 1938 e esteve presente em cinco das oito Copas realizadas entre 1954 e 1982, mas foi a partir de 1986 que ganhou duas vagas fixas, transformadas em quatro desde 1998.

O Brasil, com sua paixão pelo futebol, não poderia escapar à lógica histórica das Copas. Cada uma delas parece despertar o fraco sentimento nacional. Isso se deu tanto com o populismo de esquerda de Goulart, que em 1962 celebrou “a vitória da nação”, quanto com a ditadura militar de direita, que em 1970 procurou associar-se ao tricampeonato. Os jogadores brasileiros nunca são simplesmente selecionados, como na maioria dos países, e sim “convocados” para servir a pátria. Como Dunga proclamou em entrevista coletiva na qual anunciou o grupo para a Copa de 2010, os jogadores “estão preparados para se doar e vencer pelo país”, pois “cada um que está aqui tem que ser patriota”. De maneira coerente, Dunga não se definiu como especialista em futebol (técnico ou treinador), e sim como “comandante da seleção”. Enquanto os italianos torcem pela Azzurra, os franceses pelos Bleus, os ingleses pelo English Team, os alemães pela Nationalmannschaft, os brasileiros torcem mais pelo “Brasil” do que pela Canarinho.

Ou seja, fazemos pequena distinção entre a seleção de futebol e o país. A vitória ou derrota de um parece ser a do outro. O país é visto como um bloco único no qual não apenas o atleta deve ser patriota, mas igualmente todo cidadão: “Peço que o torcedor goste do nosso país”, conclamou Dunga. Em 2013, pouco antes da Copa das Confederações, em carta aberta, Scolari exortou a população a participar da campanha de 2014 “vibrando e cantando pela seleção brasileira. [...] Você está convocado para nossa seleção”. Nesse espírito patrioteiro e militar é que, pouco depois, em outubro, ocorreu o expressivo episódio sobre a convocação de Diego Costa.

Esse brasileiro naturalizado espanhol que vive na Europa desde os dezenove anos de idade preferiu, no seu legítimo direito de escolher onde trabalhar, jogar pela Espanha, e por isso foi tratado por muitos dirigentes e alguns jornal-

listas brasileiros como “traidor”. Scolari ficou indignado com a decisão do atacante e fez uma crítica piegas — o jogador estaria “dando as costas para um sonho de milhões [de pessoas]” —, esquecendo que ele próprio comandou outra seleção (Portugal) e nela convocou brasileiros naturalizados (Deco e Pepe). Questionado a respeito, o treinador respondeu irritado que eram casos muito diferentes, já que eles “nunca jogaram nenhum minuto pela seleção brasileira”, como se os 34 minutos em que Diego Costa esteve em campo pelo Brasil na soma de duas partidas amistosas tivessem sido um ato de inalienabilidade. Alguém na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) chegou mesmo a propor o absurdo jurídico e moral de se retirar a cidadania brasileira do atleta.

Enfim, para quem deseja não ser mero sujeito da história, mas também seu agente, cada Copa pode servir, além de torcer, para pensar o mundo em que vivemos.